

Precisa-se de jornalistas super-heróis: *Complexo de Peter Parker* e as imagens do Rio de Janeiro nos Prêmios Esso de Jornalismo e Imprensa Embratel

Soraya Venegas Ferreira
Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro
soraya.ferreira@estacio.br

Resumo

Como em qualquer outra categoria profissional, a identidade do fotojornalista resulta de uma rede de representações sociais que, através de um conjunto de conceitos, técnicas e procedimentos, reproduz e é produzida pelas práticas cotidianas originadas em seu campo. Entre essas práticas estão as premiações destinadas aos profissionais da área. No Brasil, os Prêmios Esso de Jornalismo e Imprensa Embratel se tornaram tão relevantes, que tendem a ser tomados como capital simbólico, referência de bom exercício profissional e, concomitantemente, evidenciam paradigmas da prática fotojornalística. Entre as imagens premiadas, muitas têm o Rio de Janeiro como cenário. Elas mostram uma cidade mais próxima do caos do que das maravilhas que a tornaram mundialmente conhecida. As fotos premiadas retratam, em sua quase totalidade, a violência urbana e parecem requerer de seus autores habilidades dignas dos super-heróis da ficção.

Palavras-chave: *Ethos do Fotojornalista; Prêmio Esso de Fotografia; Prêmio Imprensa Embratel de Reportagem Fotográfica, “Complexo de Peter Parker”, Rio de Janeiro.*

Introdução

No âmbito jornalístico, as premiações mundo afora são infinitas. No Brasil, é quase impossível fazer um mapeamento minimamente representativo, conforme analisa o jornalista Alberto Dines no *Observatório da Imprensa*: “O número de prêmios nacionais de jornalismo é enorme. Difícil de precisar porque não há um controle sobre eles, seus critérios, procedimentos e mesmo resultados.” (DINES, 2002, sp). Os prêmios são muitos, embora vários não passem de estratégias de marketing que não alcançam nem a segunda edição. Mas, o mesmo não ocorre com os estudos sobre as premiações.

Conforme estudo realizado, em 2008, pelo

pesquisador Robson Dias em acervos virtuais e físicos de 18 centros de pesquisa brasileiros¹ não havia ocorrência significativa de publicações científicas sobre o assunto. Um levantamento livre em sítios de busca da internet comprova essa percepção, pois ainda hoje as ocorrências são raras. De modo geral, as poucas pesquisas sobre premiações põem ênfase no aspecto gerencial das empresas patrocinadoras ou seguem na linha da meritocracia². Evitando um debate sociológico ou simbólico das premiações, a maioria dos estudos aponta para a análise do prêmio em si, sua história e importância no contexto da competição.³

Nesse artigo, a atenção volta-se para as duas premiações brasileiras mais tradicionais e longevas do campo: o *Prêmio Esso de Jornalismo*, cuja primeira edição ocorreu em 1956 e o *Prêmio Imprensa Embratel*, criado em 1999. Busca-se entender os critérios usados na avaliação da categoria Fotografia (*Esso*) e Reportagem Fotográfica (*Embratel*), especialmente na escolha das imagens que retratam o Rio de Janeiro, uma cidade multifacetada e que ganha cada vez mais destaque na mídia em função dos grandes eventos que já sediou e que sediará nos próximos três anos. Com base em estudos anteriores, parte-se da hipótese de que, como a

1 Levantamento no acervo virtual da USP, Unicamp, UNB, UFF, UFRJ, UFPE, UESP, PUCSP, PUC-Campinas, UCB, UFBA, UFSC, UFS, IBICT, CAPES, Universia, Domínio Público e no acervo físico da UNB, UniCEUB, UCB.

2 É o caso das pesquisas: Competências Empreendedoras: um Estudo sobre os Empreendedores Ganhadores do Prêmio TOP Empresarial, de Tania Dias, Paula Nardelli, Alice Vilas Boas.

3 A agonia da reportagem: das grandes aventuras da imprensa brasileira à crise do mais fascinante dos gêneros jornalísticos: uma análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo, de Magno, Ana Beatriz. *Jornalistas que ganharam prêmios (história de vida)*, de Souza, Maria Isabel Amphilo de. *O Prêmio Esso na constituição da identidade profissional do jornalista*, de Castilho, Marcio de Souza. *Responsabilidade social, pauta no jornalismo contemporâneo: reportagem vencedora do VIII Prêmio Imprensa Embratel apresentada pelo programa Inclusão da TV Senado*, de Leda, Erica Lanuck. *A influência do prêmio Jornalista Amigo da Criança sobre o profissional de jornalismo: um estudo de caso*, de Dias, Robson. *O legado de Pulitzer nos tempos do capitalismo financeiro*, de Koshiyama, Alice Mitika. *Violência Premiada: a Valorização da Imagem do Flagrante como Critério de Excelência no Prêmio Esso de Fotografia*, de Ferreira, Soraya Venegas, entre outros.

avaliação dos trabalhos inscritos é feita por jornalistas, os prêmios reforçam um dado *ethos* profissional (BOURDIEU), baseado na figura idealizada, do repórter-fotográfico enquanto “testemunha ocular da história” e profissional que, quase com um super-herói, alcança lugares inimagináveis para conseguir o ângulo perfeito e enfrenta os perigos para, numa caça ao referente, capturar o momento decisivo⁴ e trazer para o leitor a imagem única, que ficará marcada na memória⁵.

A segunda hipótese leva em conta que como o júri é, geralmente, composto por figuras de atores (BOURDIEU) que são emblemáticas do campo jornalístico (normalmente de mercado e nem sempre especialistas em fotografia), as imagens vencedoras tendem a espelhar a relevância do acontecimento retratado, segundo critérios de noticiabilidade (TRAQUINA) específicos, que reforçarão uma visão do Rio de Janeiro, que o afasta de sua “marca” de cidade maravilhosa e o aproxima da de metrópole do caos e da violência.

1. A cidade e suas representações

Rio 40 graus/ Cidade maravilha/ Purgatório da beleza/ E do caos...(2x)/ Capital do sangue quente/ Do Brasil/ Capital do sangue quente/ Do melhor e do pior/ Do Brasil...(2x)/ Cidade sangue quente/ Maravilha mutante.../ O Rio é uma cidade/ De cidades misturadas/ O Rio é uma cidade/ De cidades camufladas/ Com governos misturados/ Camuflados, paralelos, sorrateiros/ Ocultando comandos... (ABREU, FAWCETT e LAUFER, 1992)

A música *Rio 40 graus* de Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Laufer sintetiza um modo de ver a cidade do Rio de Janeiro, partindo de ideias cristalizadas no imaginário social. Conhecido por suas belezas naturais e povo hospitaleiro, o Rio de Janeiro tornou-se há

4 Henri Cartier-Bresson, um dos fundadores da Magnum Photos e, por alguns, considerado como “pai do fotojornalismo moderno”, propôs o conceito de “momento decisivo”, ao tratar da reportagem fotográfica baseada no flagrante e da mínima relação entre o fotojornalista e seu referente. Para ele, o profissional deve numa mesma fração de segundo reconhecer o fato em si e organizar rigorosamente as formas visuais percebidas.

5 Especificamente sobre a estratégia discursiva do flagrante, há o trabalho de *Vai dar Prêmio: A Valorização da Violência como Tema e do Flagrante como Paradigma nas Fotografias Vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo e do Prêmio Imprensa Embratel*, de Ferreira, Soraya Venegas.

dois anos, oficialmente, a primeira cidade do mundo a receber da Unesco o título de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural Urbana. Mas, a música que inspira esse item não trata apenas das qualidades da cidade que acolheu a Jornada Mundial da Juventude de 2013 e que sediará alguns jogos da Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. A música traz um espaço de contradições, uma “cidade partida”, “cidade de cidades misturadas”, “purgatório da beleza e do caos”, “maravilha mutante”, que se apresenta como campo de forças, como um território em permanente redefinição. O Rio de Janeiro ganha destaque na mídia local e internacional não só por sua beleza, também pela desigualdade social, arquitetura das favelas e tráfico de drogas e face violenta do crime organizado e da repressão policial.

Do ponto de vista geopolítico, vários fatores contribuíram para a formação do território carioca, e outros tantos continuam agindo para reforçá-los. Para entender o Rio de Janeiro, é preciso pontuar que, por ter sido sede do Império e capital da República até a inauguração de Brasília, em 1961, a cidade “reserva a referência simbólica da história nacional e, em certa medida, ainda é base para as diferentes construções para a identidade nacional brasileira” (FACCIN, 2013:20), pois há diversos organismos federais atuando no município. Além disso, a cidade é sede da maior emissora de TV do Brasil – a Rede Globo – que nela ambienta muitas das tramas de suas telenovelas. Em termos noticiosos, o Rio de Janeiro divide com São Paulo (a metrópole econômica do país) e Brasília (a capital política) boa parte do espaço nos *media* e, conseqüentemente, tem papel significativo nas premiações para produtos jornalísticos.

FACCIN pontua ainda que, através de uma rápida visada no processo de ocupação do território do Rio de Janeiro, é possível afirmar que:

A cidade é resultado de uma rede complexa de fatores históricos, geográficos, culturais, sociais de onde se percebe o diálogo muito forte com o centro e a periferia, o local e o nacional, o nacional e o estrangeiro, o moderno e o arcaico, o litoral e o não-litoral. Tais fatores acabaram contribuindo para uma cidade nitidamente dividida e híbrida. Uma divisão que não se limita única e exclusivamente à questão político-administrativa, mas especialmente ao ordenamento simbólico das diferentes instancias de mediações que tem atuado nesse processo, dentre elas a dos dispositivos jornalísticos. (FACCIN, 2013:19)

Em complemento, percebe-se que o jornalismo é uma instância privilegiada na mediação entre o cidadão e a realidade. Como pontua ALSINA, a representação que os meios de comunicação fazem da realidade muitas vezes supera a própria realidade perceptiva, especialmente no

caso da imagem fotográfica e televisiva, na qual “o olho eletrônico chega onde não pode chegar o olho humano” (ALSINA, 2005:143). Sendo assim, o jornalismo atua segundo critérios de noticiabilidade que lhes são próprios. Entre os fatos que demonstram alto potencial de serem transformados em notícia, muitos estão os ligados a demonstrações de violência.

Embora de difícil definição, a violência representa uma ruptura na ordem social e marca a distinção entre os que são fundamentalmente da sociedade e os que estão fora dela. Segundo a antropóloga Alba Zaluar, o termo violência, derivado do latim *violentia*, remete a *vis* “(força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica” (ZALUAR, 1999: 28). Entre os critérios de noticiabilidade apresentados por TRAQUINA está a infração, que se refere à transgressão de regras, o que indica a importância do crime como notícia: “um crime mais violento, com um maior número de vítimas, equivale à maior noticiabilidade para esse crime. Qualquer crime pode ficar com maior valor notícia se a violência lhe estiver associada” (TRAQUINA, 2008: 85)

Segundo pesquisa de Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007), o Brasil é um dos países mais violentos do mundo, onde cerca de 50 mil pessoas são assassinadas por ano. A taxa de homicídios aumentou 77% em vinte anos, passando de 15,2 homicídios por 100 mil habitantes em 1984 para 26,9, em 2004. Para as autoras, enquanto os casos atingiam moradores de periferia e grupos economicamente menos favorecidos, mídia e sociedade pareciam não se sensibilizar. Nos anos 1990, quando os atos violentos chegaram às classes altas, a imprensa e as organizações governamentais e não governamentais começaram a se mobilizar. Os jornais alteraram suas estratégias de cobertura em busca de reportagens mais qualificadas. Elas pontuam ainda que, como consequência, os jornalistas especializados na cobertura de assuntos ligados à criminalidade têm hoje maior reconhecimento entre os colegas. Essa percepção, aliada ao aumento do número de prêmios conquistados através de reportagens, fotos e vídeos sobre violência urbana a partir dos anos 1990, pode trazer luz para o entendimento do perfil profissional do repórter-fotográfico atuante no Rio de Janeiro.

2. O *Ethos* profissional e as premiações

Necessário é logo que haja prêmios para que haja soldados, e que aos prêmios se entre pela porta do merecimento: deem-se ao sangue derramado, e não ao herdado somente; deem-se ao valor, e não à valia, quer

depois que no mundo se introduziu venderam-se as honras militares, converteu-se a milícia em latrocínio, e vão os soldados à guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requere (VIEIRA, 1998, sp).

As palavras do Pe. Antônio Vieira no *Sermão da Visitação de Nossa Senhora* servem de guia para a reflexão sobre as premiações oferecidas aos jornalistas em geral e aos repórteres-fotográficos em particular - uma classe, que no Brasil, é normalmente social e salarialmente desvalorizada em comparação aos profissionais do texto. Para os que resolvem competir há implicitamente a exigência da adequação de seu trabalho às normas da premiação cobiçada. Os prêmios concedidos passam a funcionar, então, como matrizes de referência, geradoras e/ou reforçadoras de determinados valores e práticas, que são gradativamente incorporados ao *habitus* do campo social (BOURDIEU) e funcionam como paradigmas da comunidade interpretativa do jornalismo (TRAQUINA).

Diante desta percepção, surge a hipótese de que, na atualidade, algumas premiações conferem distinção aos agraciados porque são parte do capital e tornam-se tão relevantes que viram referência de bom exercício da profissão. As premiações concedidas aos jornalistas fariam parte do “capital simbólico”, que, para BOURDIEU, inclui os méritos acumulados, prestígio e reconhecimento associado à pessoa ou posição. Assim, a luta concorrencial em torno da apropriação deste capital seria irredutível na medida em que seus agentes demonstrassem maior ou menor grau de interesse para lutar por ele (BOURDIEU, 1994: 5). Aqui se tem também a importância distintiva que cada tipo de prêmio possui intrinsecamente comparativamente a outros. No Brasil, o grande destaque é o *Prêmio Esso de Jornalismo*, seguido, mais recentemente, pelo *Prêmio Imprensa Embratel*.

O desdobramento deste capital simbólico conquistado é a credibilidade, pois é da natureza do trabalho jornalístico e, em especial da fotografia, fazer crer. O imperativo da credibilidade está atrelado à capacidade de acúmulo de capital, tanto por parte dos profissionais quanto pelas empresas jornalísticas. As premiações jornalísticas teriam caráter de acúmulo de capital pelo viés do reconhecimento. Não teriam caráter de recompensa, pois aquele pressupõe a adesão do jornalista à sua prática cotidiana no intuito de conquistá-lo, para além do valor dinheiro, típico da recompensa. No primeiro caso, temos a ideia do valor, no segundo, a da valia.

Ao mesmo tempo em que as premiações oferecem o coroamento de uma prática junto aos pares, elas também sinalizam como deve ser a conduta dos profissionais em suas práticas cotidianas de seleção, coleta, apuração, processamento e distribuição

da informação noticiosa, que gradativamente são incorporadas àquilo que Pierre Bourdieu denominou *habitus* de um campo social. Ou seja, uma forma de percepção e pensamento que perpassam as subjetividades individuais e irá se refletir nos sistemas classificatórios da atividade profissional sobre o que é legítimo e ilegítimo. No caso do campo jornalístico seriam, por exemplo, os parâmetros daquilo que é considerado verdade ou mentira; o que é noticiável ou não; o que é fato e o que é opinião e assim por diante.

Mas, como os fotojornalistas se posicionam em relação ao *ethos* e ao *habitus* profissionais? Há algumas fissuras. Muitos repórteres-fotográficos afirmam-se mais como fotógrafos do que como jornalistas, pois não são eles que decidirão qual será a fotografia veiculada. Assim, tendem a oscilar entre a autoimagem de “apertadores de botão”, capazes apenas de operar o equipamento fotográfico e a de “artistas da imagem”, cerceados em sua criatividade pelo “compromisso com a verdade”, imposto *ethos* jornalístico. Há fotojornalistas que defendem a “objetividade” fotográfica e, ao evitar qualquer relação com o fotografado, transformam seu ofício na busca da foto única, numa “caça ao referente”, que sintetize a notícia em uma só imagem. Outros, em contrapartida, buscam intervenções pré-fotográficas para elaborar uma imagem ou ensaio fotográfico mais abrangente e “produzido” ou até para falsear a informação em busca de mais impacto. Essas práticas podem até trazer visibilidade nos *media*, mas não serão valoradas nos prêmios de jornalismo brasileiros.

Se alcançar o *Prêmio Esso de Fotografia* ou *Embratel de Reportagem Fotográfica* é percebido no campo como o reconhecimento de uma determinada prática profissional, pela observação das imagens premiadas nos últimos anos, nota-se que essa prática passa pela labuta nas coberturas jornalísticas da editoria de Polícia, nos grandes centros urbanos, trazendo flagrantes de ações policiais ou demonstrações de força do crime organizado. Para SONTAG, quanto mais as fotos deixarem transparecer a referência mais serão valorizadas.

“Nas fotografias de atrocidades, as pessoas querem o peso de testemunho sem a nódoa do talento artístico, tido como equivalente à insinceridade ou à mera trapaça. Fotos de acontecimentos infernais parecem mais autênticas quando não dão a impressão de terem sido “corretamente” iluminadas e compostas porque o fotógrafo era um amador ou – o que é igualmente aproveitável – adotou um dos diversos estilos sabidamente antiartísticos. Ao voarem baixo, em termos artísticos, essas fotos são julgadas menos manipuladoras”. (SONTAG, 2003, p.26)

Nesse sentido, as premiações parecem levar em conta também o *modus operandi* para obtenção da imagem – nível de risco envolvido, coragem do profissional para enfrentar a situação, tamanho do perigo vencido, tempo despendido na execução da reportagem, resultados práticos obtidos com veiculação da imagem. Esses aspectos são normalmente ressaltados nos textos que acompanham as fotografias vencedoras e nos reconciliam com o ideal de um profissional que desvela o que está escondido, expõe o que está errado e, através do seu trabalho, é capaz de levar criminosos para cadeia e modificar as condições de vida dos mais necessitados, bem à moda dos super-heróis, como o repórter Clark Kent ou o fotojornalista Peter Parker, que fora do horário de trabalho, são respectivamente o Super-Homem e o Homem-Aranha.

3. Prêmios Esso e Embratel e o “complexo de Peter Parker” no fotojornalismo carioca

“O Prêmio Esso tem se revelado por premiar, por distinguir fotos que registrem aquele momento único, mas um momento de ação. Quase sempre a *hard foto*, quase sempre. Eu acho que só na ausência da *hard foto* é que o Prêmio Esso se volta para premiar outros estilos, mas sempre com um sentido jornalístico muito aguçado, porque sempre foi um prêmio de profissionais de jornalismo para profissionais de jornalismo” (PORTILHO, 2001, sp) ⁶.

A afirmação do jornalista Ruy Portilho, organizador do *Prêmio Esso*, nos obriga a pensar numa possível “receita” para conquista do prêmio, que no Brasil, seria equivalente ao que representa o *Prêmio Pulitzer* para os americanos. Mas, além do *Prêmio Esso de Jornalismo*, cuja primeira edição ocorreu em 1956 há, entre outros, o *Prêmio Imprensa Embratel* que, em sua 14ª edição, vem se constituindo como o segundo prêmio mais importante do campo jornalístico brasileiro. Em relação à sua natureza, ambos criam diferentes categorias para dar conta da diversidade de formas narrativas que a prática jornalística assume. As categorias refletem, portanto, uma dada visão do campo e da competência profissional. Nas premiações, elas podem ser agrupadas em três grandes grupos: práticas jornalísticas que remontam os meios de difusão das produções (rádio, televisão, mídia impressa, site, blog), assunto abordado (esportes, cultura, informação científica, ambiental, econômica, etc.) e a linguagem em que a informação é “formatada” (criação gráfica, fotografia, reportagem cinematográfica, primeira página).

⁶ Entrevista a Flávio Rodrigues em <http://www.photosynt.net>, acedido a 20 de maio de 2009.

As duas premiações são de âmbito nacional, mas apresentam divisões regionais. O júri costuma ser composto por figuras emblemáticas do campo jornalístico (normalmente de mercado), o que gera uma avaliação entre os pares, que compartilham valores inerentes à comunidade interpretativa dos jornalistas (TRAQUINA), parâmetros que orientam a prática profissional de qualquer redação, como se fosse o caminho a ser trilhado para se alcançar o objetivo final, que é a conquista do prêmio. Devido cada edição dos prêmios contemplar várias categorias, é necessária a existência de um “grande prêmio”, que deverá apontar o melhor trabalho jornalístico daquele ano independente de qualquer categorização. Os dois prêmios tiveram sua origem em categoria única, sendo esta temática apenas para o *Embratel* (Telecomunicações). Mas, observando-se a situação atual, constata-se que o *Prêmio Esso* divide-se em 13 categorias, enquanto o *Embratel* contempla 18.

Quanto ao *Prêmio Esso*, o primeiro reconhecimento do valor da imagem fotográfica ocorreu em 1960, quando o fotojornalista Campanella Neto, que com exclusividade retratara os “acontecimentos de Aragarças” (um movimento contrário ao governo de Juscelino Kubitschek) ganhou “voto de louvor”. No ano seguinte, “Fotografia” passou a ser uma categoria em separado. Nos últimos 51 anos, mais de 70 repórteres fotográficos representantes de revistas, jornais e agências de quase todos os estados do país já receberam o *Prêmio Esso*, seja na categoria específica ou “menção honrosa”, “voto de louvor”, etc.. Na Fotografia, muitas vezes, fruto do acaso, principalmente nos flagrantes, há fotógrafos inexperientes premiados, enquanto velhos profissionais jamais alcançaram essa deferência. Evandro Teixeira, renomado fotojornalista brasileiro, com livros publicados, exposições internacionais e mais de 45 anos dedicados ao fotojornalismo diário no Rio de Janeiro, jamais recebeu um *Esso*. Já Reginaldo Manente, atuante em São Paulo e recordista de premiações, com quatro prêmios, dedica-se hoje à publicidade, e assim como Teixeira é um dos 50 jurados do *Prêmio Esso de Fotografia*.

O *Prêmio Embratel* passou a contemplar a Reportagem Fotográfica em 2000 já sob o domínio da cor na fotografia de imprensa. Em sua maioria, as imagens premiadas não demonstram valorar especificamente a cor tropical ou seu uso expressivo. As fotos tendem a ser escolhidas pelo seu componente referencial. O mesmo ocorre com o advento da imagem digital. Sem negativo e com ampla possibilidade de alterações técnicas no registro inicial, as imagens digitais são premiadas segundo os mesmos critérios que valoravam as analógicas. Destaca-se o fato retratado, não a possibilidade expressiva do tratamento digital. Nas treze edições do *Prêmio Embratel de Reportagem Fotográfica*

não houve repetição de profissionais vencedores. Entre os agraciados, dez tiveram seus trabalhos publicados em jornais da região Sudeste (sete no Rio de Janeiro e três em São Paulo).

A cada premiação que se cria, novas diretrizes implícitas para a prática jornalística são definidas, pois apontam para identidades profissionais específicas. Em 1999, quando começou o *Prêmio Imprensa Embratel*, o *Esso de Jornalismo* já se configurava como a premiação paradigmática do campo e, portanto, o *Embratel* surgiu de maneira tímida, o objetivo, contudo, era transformá-lo em um projeto mais abrangente, de âmbito nacional e capaz de mobilizar todas as mídias do país. Buscava ainda criar um prêmio “atual e dinâmico”, contemplando trabalhos jornalísticos que se adequassem à “nova realidade sócio, econômica e cultural do povo brasileiro”, ao mesmo tempo em que tivesse a “capacidade de estimular e disseminar o debate coletivo sobre temas de relevância, tais como inclusão social, consciência ambiental e o resgate dos nossos valores culturais”⁷.

As duas premiações se orientam por regulamentos, que além de apresentar a divisão em categorias, costumam explicitar a sistemática de julgamento, bem como a definição de alguns dos critérios de excelência. No *Prêmio Imprensa Embratel*, o julgamento é feito em três fases: Pré-Avaliação, Seleção Regional e Julgamento Nacional. A Comissão de Pré-Avaliação seleciona cerca de dez reportagens por categoria. Na etapa de Seleção Regional, são valoradas reportagens regionais, atribuindo notas aos trabalhos selecionados pela Comissão de Pré-Avaliação. Com base na pontuação obtida, no mínimo, três matérias de cada região seguem para avaliação da Comissão Julgadora Nacional, composta por 12 membros, escolhidos entre renomados profissionais de imprensa. O Júri Nacional atribui notas a cada um dos trabalhos de cada categoria e, por média, chega-se aos vencedores. Essa comissão, ao contrário das fases anteriores, se reúne presencialmente para dirimir dúvidas e apontar o grande vencedor do prêmio – o *Troféu Barbosa Lima Sobrinho* - que deixará de ser o vencedor de sua categoria específica.

Já no *Prêmio Esso de Jornalismo*, o julgamento é realizado em duas etapas. Na primeira, uma Comissão de Seleção indica, via Internet, dentre os inscritos, aqueles que exibam melhores condições de concorrer às premiações em número de cinco para cada categoria, a exceção da Fotografia, para a qual deverão ser indicados dez trabalhos. Para isso, atribui notas que poderão variar de 1 a 10. Na segunda etapa, uma Comissão de Premiação apontará, dentre os finalistas, o vencedor

7 www.premioimprensaembratel.com.br,
acedido a 10 de abril de 2013.

de cada categoria e também os vencedores do *Prêmio Esso de Reportagem* e do *Prêmio Esso de Jornalismo*. O trabalho vencedor do *Prêmio Esso de Fotografia* será escolhido, via Internet, dentre os trabalhos finalistas, por uma Comissão Especial, composta por 50 experientes fotojornalistas, muitos deles ex-editores de fotografia.

Ao contrário do *Prêmio Esso*, que tem uma comissão diferenciada para analisar o telejornalismo e a imagem fotográfica; no *Embratel*, a comissão julgadora é única para todas as categorias. Essa sistemática demonstra posições díspares em relação ao entendimento das imagens jornalísticas. Se para o *Esso*, é necessário o olhar de especialistas em televisão e fotografia para julgá-las, para o *Embratel*, o perfil generalista de formação profissional é capaz de garantir a avaliação competente de qualquer produto jornalístico, independentemente de formato ou meio de difusão. A exemplo do *Esso*, na última edição, o *Embratel* informatizou seus processos de inscrição, análise, julgamento e divulgação de resultados.⁸

Entre fotografias premiadas pelo *Esso* nos últimos anos (mais especificamente a partir de 1993) e pelo *Embratel* desde a sua criação há predominância de imagens publicadas pela Editoria de Polícia e a da violência funciona como imperativo noticioso. Em algumas delas, além do crime, há a explicitação visual da violência, seja pela apresentação de corpos mutilados, de sangue ou por abordar a morte. Um dos critérios substantivos de seleção apresentados por TRAQUINA é justamente a morte: “Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal” (TRAQUINA, 2008:79). E, nesse sentido, a participação do Rio de Janeiro enquanto cenário para as imagens de violência é bastante significativa, como pode-se observar nas tabelas a seguir. Elas mostram o levantamento de todos os treze prêmios de Fotografia (*Esso*) e os cinco de Reportagem Fotográfica (*Embratel*) nos quais o Rio de Janeiro era o cenário da ação retratada, bem como dos textos que acompanham as imagens nos sítios oficiais das premiações.

Tabela nº 1: Prêmio Imprensa Embratel – Categoria Reportagem Fotográfica – Rio de Janeiro

ANO	AUTOR/VEÍCULO	TÍTULO	Identificação das imagens
2002	Wania Cordeiro/ O Globo	Execução numa rua de Benfica	Sequência de três fotos registrando o flagrante de dois motoqueiros atirando a queima-cruz e matando um cidadão no bairro de Benfica, no Rio de Janeiro, após uma tentativa frustrada de assalto para levar sua caminhonete.
2003	Julio Cesar Guimarães/ Lance!	A Espada era a Lei	Em fotos sequenciais, é mostrada a ação de um policial a cavalo que, empunhando uma espada, golpeia um torcedor sentado e com as mãos nas costas, depois de obedecer às ordens do mesmo policial para se afastar da torcida e ficar sentado em uma muralha, próximo ao estádio do Maracanã.
2004	Carlos Moraes/ O Dia	Execução no Morro da Providência	Conjunto de fotos mostra a execução de um jovem da favela por policiais, após um ataque de traficantes a um helicóptero da Polícia Civil, a bordo do qual estava o repórter autor da foto vencedora.
2006	Marcelo Régua/ O Dia	Retrato trágico do Brasil das armas	A equipe acompanhou e documentou, durante 23 dias e noites, a rotina de medo e humilhação dos moradores dos morros da Babilônia e Chapão Mangueira, no Leme, zona sul do Rio de Janeiro, diante do poderio das armas dos traficantes.
2010	Marcos Tristão/ O Globo	Luto no Afro-Reggae: Marinho chora ao tocar na homenagem a Evandro	A imagem registra o choro de Diego Frazão, o Diego do Violino, ao tocar em homenagem ao coordenador de projetos sociais do Grupo Afro-Reggae, Evandro João da Silva, morto em um assalto no Centro do Rio, em outubro 2009. Diego tinha 12 anos e sofria de leucemia, vindo a falecer seis meses depois.

TABELA 2: Prêmio Esso de Jornalismo – Categoria Fotografia – Rio de Janeiro

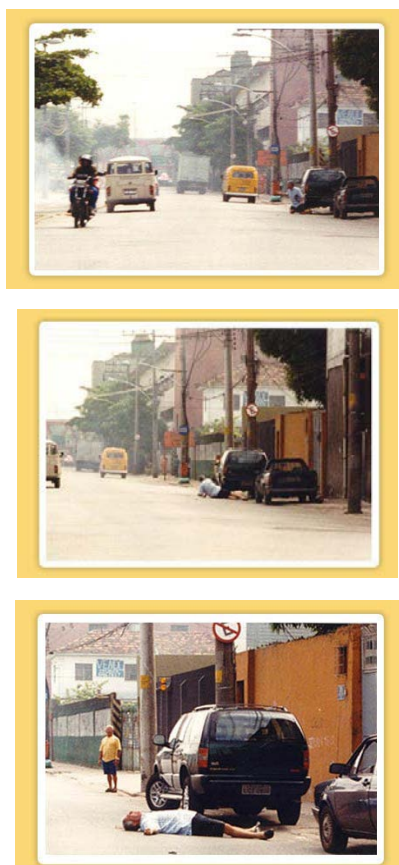
ANO	AUTOR/VEÍCULO	TÍTULO	Identificação das imagens
1967	Antônio Andrade/Folha	Atropeladas de janeiro	A violência das chuvas transformou dezenas de ruas da cidade em verdadeiros rios. Arrastando casas, automóveis e pessoas. Algumas salvas com ajuda de cortas e muito esforço de voluntários e soldados. Era janeiro, no Rio.
1971	Alberto Jacob/ Jornal do Brasil	O que se atropelamento	A queda de uma religiosa no arêdo da porta de rolamento da Praia de Flamengo, no Rio de Janeiro, deu a Alberto Jacob a rara oportunidade de registrar um quase atropelamento.
1981	Luiz Montez/ Jornal do Brasil	Todos negros	Uma “batalha” policial nas favelas cariocas (Morro da Casca, no Engenho Novo) possibilitou à Polícia Militar a prisão de dezenas de suspeitos e o surgimento de um tipo de “alguém” ainda desconhecido da população.
1989	Luiz Montez/ Jornal do Brasil	Inferno no paraíso	Apesar de um grupo de turistas a um passeio na Floresta da Tijuca, no Rio, o fotógrafo conseguiu, com sangue-frio, registrar o momento exato em que os dois assaltantes ameaçaram com revólveres um casal, para roubar dinheiro e pertences. Mais tarde, os ladrões foram reconhecidos e presos.
1995	Michel Filho/ Jornal do Brasil	Identificação e tiroteio na Linha Vermelha	Momento em que um helicóptero da polícia carrega manobras a poucos metros do solo tendo a bordo um PM apontando a arma em direção a um grupo organizado que interrompe o trânsito na Linha Vermelha.
1996	Léo Corrêa/ A Notícia	Exposição macabra na favela	Os corpos de dois supostos traficantes da Favela do Aço, no Rio de Janeiro, assassinados com tiros de armas de grosso calibre, foram colocados sobre manilhas, ficando expostos durante horas à visão dos moradores.
1998	Paulo Alvim/ O Dia	Em pé de guerra	A fúria dos moradores de favela próxima à Linha Amarela que protestavam contra o desalojo do poder público em relação aos temporais que inundaram a cidade do Rio.
1999	Marcos Tristão/ Jornal do Brasil	Domingo de Pavor	Zona Sul do Rio, praias de Ipanema e Leblon, muito sol, muita gente. Tudo transcorre para acabar mais um domingo de alegria quando, de repente, uma briga de brios entre quatro violões e policiais, em plena via pública, leva o público a se transeuntes. Gritos e até um caminho de brios foram abandonados na areia.
2000	Guilherme Rocha/ Folha de S. Paulo	Boca Boca	A foto mostra o socorro prestado a uma criança por um policial militar. O fato ocorreu durante confronto entre a PM e traficantes do Morro do Jacaré, no Rio.
2002	Wania Cordeiro/ Extra	Execução em uma rua de Benfica	Flagrante do assassinato de um desenhista de móveis, em plena luz do dia, em uma rua do bairro de Benfica, no Rio de Janeiro. A execução foi cometida pelo ocupante da garupa de uma moto. A publicação das fotos levou, dias depois, à prisão dos criminosos.
2003	Carlos Moraes/ O Dia	Ataque a helicóptero: reação, fuga e execução	O conjunto de fotos, tiradas de um helicóptero, mostra o momento em que dois suspeitos são mantidos sob a mira de armas por policiais, pouco antes de aparecerem mortos, sendo carregados pelas escadarias do Morro da Providência, no Rio. As talagens exibidas por um dos delinquentes permitem que fossem reconhecidos como os mesmos suspeitos que, momentos antes, apareceram desarmados e já dominados.
2006	Marcelo Carnal/ O Globo	Engenheiro é morto no centro	A foto revela todo o pânico desespero de uma mãe ao amparar no colo o filho morto a poucos momentos antes, em uma das ruas do Centro do Rio de Janeiro.
2011	Alexandre Vieira/ O Dia	Farsite: Carica	Alexandre Vieira, do jornal O DIA, acompanhou cenas de desespero quando passava pela Avenida Brasil, na altura do bairro de Guadalupe, no Rio de Janeiro. O trabalho intitulado “FARSITE CARICÓICA” exibe a sequência de imagens de um torcedor que teve como consequência a morte de um suposto assaltante. Segundo o jornal, num episódio ainda confuso, dois policiais e um bombeiro estiveram envolvidos na ação. Um dos BPS foi ferido, e já havia sido preso por porte ilegal de armas.

Nos textos que acompanham as imagens, notam-se outros valores-notícia trabalhados por TRAQUINA. Entre eles está o conflito ou a controvérsia, que pode ser explicitada de forma violenta em termos físicos ou simbólicos. Percebe-se que a presença da violência física (como retratado na maioria das fotos listadas) fornece mais noticiabilidade. Além de se basear em valores-notícia tanto de construção como de seleção, a fotografia destacada pelas premiações privilegia o flagrante, baseado no conceito de bressonianao de “momento decisivo”. Nota-se ainda que, recentemente, as sequências fotográficas passaram a ser mais valorizadas substituindo a noção de foto-síntese – a imagem única capaz de sintetizar a notícia. Em vários dos textos que acompanham as imagens premiadas, ressalta-se o perfil esperado do fotojornalista, o que aqui é chamado de “complexo de Peter Parker”. Ele é um profissional que tem “sangre-frio”, enfrenta os “bandidos” para conseguir a melhor imagem que, em algumas situações, será justamente a “prova” para punir os responsáveis por uma ação criminosa.

Figura 1 – *Domingo de pavor* – Marco Terranova –
Prêmio Esso de Fotografia de 1993



Figura 2 - *Execução numa rua de Benfica* – Wania Corredo – Prêmio Esso de Fotografia e Prêmio Imprensa Embratel de Reportagem Fotográfica - 2002



Conclusão

O jornalista Geraldinho Vieira pontua que “o poder da imagem, da palavra, da seleção e interpretação dos fatos, e de sua multiplicação cria a ilusão do repórter super-homem” (VIEIRA, 1991:12) o que ele chama de “Complexo de Clark Kent”. Aqui, a comunidade interpretativa (TRAQUINA) dos jornalistas-jurados destaca para os repórteres-fotográficos atuantes no Rio de Janeiro, algumas características reunidas sob uma nova denominação: “complexo de Peter Parker”. Os *Prêmios Esso de Fotografia e Imprensa Embratel de Reportagem Fotográfica*, ao elegerem a violência urbana como tema recorrente e o flagrante como estratégia discursiva privilegiada, praticamente obrigam os aspirantes ao prêmio a uma postura, que além de colocar o profissional em risco, exige dele qualidades dignas de um super-herói: flagrar os atentados à lei e à ordem pública e, no caso, através de suas lentes, defender a coletividade. Essa defesa pode acontecer pela sua simples presença, que impedirá um ato maior de violência, ou *a posteriori*, quando suas fotos forem usadas para comprovação de um ato criminoso, ou mesmo para conscientização da sociedade.

A partir do levantamento das imagens premiadas, confirmou-se preponderância de imagens registradas nas metrópoles da região sudeste do Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro. Em dois momentos, houve concordância nas premiações – duas sequências que culminaram em assassinatos. Das 18 vezes em que a cidade foi cenário para as fotos vencedoras, em apenas duas, a violência urbana não era o personagem principal: o quase atropelamento de uma freira e as enchentes de 1966. Contudo, em todas as imagens premiadas, o retrato do Rio de Janeiro está longe do seu título de “cidade maravilhosa”.

Referências Bibliográficas

- ALSINA, R. (2005). *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós.
- BOURDIEU, P. (1992). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1983). *O Campo científico em Sociologia*. São Paulo: Ática.
- _____. (1994). *Lições de aula*. São Paulo: Ática.
- CAETANO, J. & FREITAS, L (s/d) *Prêmio Imprensa Embratel – 10 Anos*. Rio de Janeiro. Embratel
- DIAS, R.(2008). *A influência do prêmio Jornalista Amigo da Criança sobre o profissional de jornalismo: um estudo de caso*. Dissertação. UNB. Brasília, http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3548/1/2008_RobsonDias.pdf (acedido a 15 de abril de 2013).
- DINES, A. (2002). “Prêmios e Galardões”, www.observatoriodaimprensa.com.br (acedido a 7 de março de 2013).
- FACCIN, M. (2013) “A cidade e seus territórios: notas sobre as mediações jornalísticas cariocas” in FACCIN, M et al (ed). *Narrativas da Cidade. Perspectivas multidisciplinares sobre a urbe contemporânea*. Rio de Janeiro. E-Papers. pp. 11-22.
- LOUSADA, K. (2012) *Prêmio Imprensa Embratel : jornalismo, prática e mediação*. Rio de Janeiro: Embratel. http://www.institutoembratel.com.br/arquivos/livro13_pie.pdf (acedido a 7 de março de 2013).
- MEMÓRIA BRASIL.(2006) *Uma história escrita por vencedores – 50 anos do Prêmio Esso de Jornalismo*, Rio de Janeiro, Memória Brasil.
- RAMOS, S & PAIVA, A. (2007) *Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil*, São Paulo, Cesec.
- SOUSA, J.P. (2004). *Uma História Crítica do Fotojornalismo Ocidental*. Chapecó: Argos
- SONTAG, S. (2003) *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras
- TRAQUINA, N. (2008) *Teorias do Jornalismo – Volume II*. Santa Catarina: Insular.
- VIEIRA, A. (1998) “Sermão da Visitação de Nossa Senhora”. In.: *Literatura Brasileira, textos literários em meio eletrônico*, http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-02072.html (acedido a 10 de abril de 2013)
- VIEIRA, G. (1991) *Complexo de Clark Kent. São super-homens os jornalistas?*. São Paulo. Summus.
- ZALUAR, A.(1999) “Violência e crime”. In: MICELI, S. (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré/ANPOCS, p. 13-107, v. 1.